

Por que Deus não deixa a gente voltar para casa?



Pergunta de um menino abrigado na casa Lar Betânia, em Araçariguama, SP

James Gilbert é missionário norte-americano que mora e trabalha no Brasil desde 1998. Ele participou em 2006 da 1ª Consulta Teologia da Criança, em Itu, SP, com teólogos e agentes sociais brasileiros e estrangeiros. Uma das atividades do evento era visitar crianças em projetos sociais e conversar com elas.

Depois da conversa, os adultos dialogaram sobre o que as crianças haviam falado. James se surpreendeu muito quando, ao final da visita à Casa Lar Betânia (AEBVB), um menino de 14 anos, perguntou: “por que Deus não deixa a gente voltar para casa?”

A seguir sua reflexão sobre o valor da dependência e do pertencimento.

James, por que você se surpreendeu com a pergunta do adolescente?

Ele nos fez pensar sobre uma teologia da dependência e do pertencimento. Aquelas crianças reconheciam que dependiam dos adultos, daquele abrigo, do juiz, do Estado, e, em última instância, de Deus.



Ao mesmo tempo, lidavam com questões de pertencimento. Não se sentiam pertencentes àquele lugar. O desafio daquele adolescente mexeu comigo. Como missionário norte-americano, sei como é morar em um lugar do qual se gosta, mas ao qual não se pertence. É possível fazer amizades, ajudar (e às vezes atrapalhar), mas sempre se sentindo um “peixe fora d’água”.

Pertencer é muito importante; uma boa parte da formação da nossa identidade se dá a partir dessas relações de pertencimento.

Como saber se uma pessoa pertence ou não a um grupo? Todo mundo tem o direito de sentir que pertence a alguém ou a algum lugar?

Para saber se a pessoa está “fora” do grupo, há dois indicadores: ela não tem nenhuma obrigação com aquele grupo e não goza de nenhum direito. Se eu quiser pertencer a um grupo, à medida que ingressar nele, crio uma relação de dependência com ele para uma série de coisas: relacionamentos, posição social, aprovação e reconhecimento, apoio quanto à minha subsistência e subsídios para manutenção da minha identidade.

A relação que se estabelece é de troca e interdependência: tenho obrigações de um lado, direitos ou privilégios de outro.

Parece-me que os meninos da Casa Lar Betânia não acreditavam que tinham o direito de estar ali, de receber, de serem cuidados, de depender de pessoas diferentes de suas famílias biológicas. O fato de sua passagem ali ser temporária era prova de uma ruptura nessa relação natural de pertencimento.

Eles pertenciam àquele lugar, mas apenas temporariamente, ou seja, seus direitos também eram temporários e isto lhes causava angústia. Para sentir que pertencemos a algo precisamos sentir que temos o direito de depender (enquanto crianças) ou o direito de interagir de forma interdependente (quando adultos).

A criança pode nos ensinar algo sobre dependência?

Lembra o que Jesus disse? “Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no reino dos céus”.

Jesus vê na criança uma importante virtude: a humildade. E isso faz com que ela reconheça algo que os adultos não querem: o ser dependente.

Mas dependência é algo positivo?

Sim. O que me surpreendeu em nossa reflexão em Itu foi a nova perspectiva sobre a importância da dependência e sua ligação com o pertencimento, sobretudo em relação ao Criador.

Dependemos completamente dele, quer queiramos ou não. É ele quem sustenta a vida, o universo – algo que parece escapar da nossa percepção e atenção no dia-a-dia. Dependemos também dos outros, somos seres sociais.

Como o fato de depender dos outros melhora nossos relacionamentos?

Uma dependência saudável é recíproca, e por isso nos leva ao pertencimento. Precisamos reconhecer que dependemos uns dos outros, que as crianças dependem de nós, adultos, mas que nosso futuro está nas mãos das crianças de hoje.

Precisamos perceber que os idosos precisam das crianças e vice-versa. Precisamos buscar em Deus o verdadeiro pertencimento, cheio de amor e de responsabilidade pelo outro. Assim nos sentiremos cidadãos dignos do Rei, pertencentes à sua casa e prontos para nos juntarmos à sua mesa assim que eles nos chamar.

Nota:

Entrevista feita por Lissânder Dias adaptada do capítulo 7 do livro *Uma Criança os Guará* (DIAS, Lissânder, FASSONI, Klênia, PEREIRA, Welinton, org. Viçosa, MG: Ultimato, 2010).

Por Lissânder Dias

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 27.